

# “Que lástima é não saber quem somos”: mística e antropologia no “Castelo Interior ou Moradas” de Santa Teresa de Ávila

*Lúcia Pedrosa de Pádua*

## **Introdução**

Uma das tarefas mais prementes da Teologia Espiritual no atual contexto cultural e eclesial é apresentar a mística cristã em sua intencionalidade profética. O místico tem uma necessidade imperativa de anunciar “o que Deus faz”. Ele precisa testemunhar a misericórdia de Deus, anterior a todo agir humano, iluminando as mais obscuras situações. Por isso, tem urgência em animar os cristãos em seu caminhar de fé e amor. Precisa alertar e resgatar as pessoas de sua inércia e tibieza diante de si mesmos e das realidades que trazem desesperança e morte. Libertá-las do medo de viver com paixão e sentido. Impulsioná-las ao serviço fiel e criativo do Evangelho, assumindo os riscos de seguir sendo Igreja servidora e peregrina.

A mística é experiência de fé vivida com intensidade, tornando-se muitas vezes inefável<sup>1</sup>. Recorre-se assim aos símbolos, alegorias e metáforas. A linguagem da experiência mística é sempre mediada por elementos ideológicos, culturais e psico-afetivos, como toda experiência humana. Mas, diferenciando-se das experiências mais prosaicas, a mística é ancorada em um Mistério que faz viver e entregar a vida, comprometendo-a pela raiz. Os escritos

---

<sup>1</sup> Em artigo anterior, tratei da conceitualização do termo “mística”. Ver: “Mística, mística cristã e experiência de Deus”. *Atualidade Teológica* 15 (2003) 344-373.

místicos são, portanto, seminais, como foi a vida dos que os escreveram. Eles preservam a força assombrosa das sementes germinadas, prontas a brotar em qualquer momento no coração da Igreja e de quem deles se aproximam.

A profundidade e radicalidade da experiência mística fazem com que os místicos sejam, como nos lembra o teólogo K. Rahner, luz para outros, no sentido de ajudar a seguir os rastros da experiência de Deus em nós. Especialmente, pontualiza o mesmo Rahner, se tal experiência for traduzida a uma antropologia teológica e a uma ontologia existencial atuais<sup>2</sup>. Eis, pois, outra tarefa da Teologia Espiritual: aprofundar nos conteúdos teológicos da mística, buscar contribuições e diálogo com a teologia sistemática, ao mesmo tempo em que busca caminhos da vida no espírito.

Este artigo de Teologia Espiritual busca apresentar a obra-síntese de Santa Teresa de Ávila, o *Castelo Interior ou Moradas*<sup>3</sup>, em diálogo com a antropologia. Ao privilegiarmos esta obra, não excluiremos a menção de outras obras de Teresa de Ávila, especialmente *Vida, Caminho de Perfeição e Relações*. A primeira seção será dedicada a uma introdução ao livro e às origens místicas e literárias da noção da pessoa humana como “castelo interior” habitada por Deus. Na segunda seção, será apresentada a alegoria do castelo, através da qual Teresa de Ávila desenvolve uma antropologia teológica indutiva, otimista, esperançada e dinâmica. Finalmente, desenvolveremos um dos conceitos bíblicos que emergem da noção da pessoa humana como castelo interior: a pessoa “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26-27).

Para esta mística espanhola do século XVI, há algo de tremendamente trágico no desconhecimento da vocação humana: “Que lástima é não saber quem somos”<sup>4</sup>. Por falta de auto-conhecimento – que não é apenas teórico, mas especialmente existencial – não nos realizamos como pessoas, permanecendo do lado de fora de nós mesmos! Em conseqüência, negamos aos outros, à comunidade e à sociedade, o melhor que somos e podemos dar.

---

<sup>2</sup> Cf. RAHNER, K. “La experiencia personal de Dios más apremiante que nunca”. *Revista de Espiritualidad* 29 (1970) 310-313. Fala aqui especificamente de Santa Teresa e São João da Cruz.

<sup>3</sup> Utilizaremos neste artigo a tradução brasileira das obras de Santa Teresa, *Obras Completas*. (Coord. Frei Patricio Sciadini; trad. texto estabelecido por T. Álvarez). São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995. Abreviações utilizadas: *Livro da Vida*: V; *Caminho de Perfeição* (Valladolid): C; *Castelo Interior ou Moradas* (M, precedida do número que indica a morada respectiva); *Fundações*: F; *Relações*: R. A referência ao *Caminho de Perfeição*, códice de *El Escorial*, ausente da edição brasileira, terá por referência a edição espanhola das *Obras Completas*, dir. Alberto Barrientos; com revisão textual, introduções e notas, 4. ed, Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1994 e será indicado pela sigla CE.

<sup>4</sup> 1M 1,2.

## 1. Introdução a Moradas e origens do símbolo do castelo interior

### 1.1. Intencionalidade e contexto vital da redação do livro: uma mística para tempos difíceis

*Castelo Interior ou Moradas* é a obra mais explicitamente sistemática e universal de Santa Teresa de Jesus. Trata-se de seu último livro doutrinal, escrito em 1577. Nele podemos admirar a maturidade humana e espiritual desta primeira Doutora da Igreja. Maturidade conquistada e construída. Tecida por profunda experiência pessoal, seguidos confrontos com teólogos, reflexão e reelaboração do seu próprio pensamento<sup>5</sup>. *Moradas* reúne, em sua própria gênese, experiência e reflexão: uma experiência refletida e uma reflexão experimentada. É também um livro-síntese, que sistematiza as obras anteriores: *Livro da Vida* e *Caminho de Perfeição*.

No Prólogo, a própria autora nos apresenta o livro, de forma modesta: o livro trataria de “coisas de oração”<sup>6</sup>. Mas em seguida, ela mesma nos dirá que os livros sobre oração de seu tempo falam sobre o que a pessoa humana pode fazer, e pouco do que Deus pode fazer: “só nos exortam àquilo que podemos fazer por nós mesmas, falando pouco do que o Senhor opera numa alma, ou seja, de coisas sobrenaturais”<sup>7</sup>.

Com essa explicação Teresa revela que o seu objetivo é bem maior do que ela mesma escrevera no Prólogo. Seu desejo é centrar-se naquilo que os outros livros não versam: o que Deus faz, as “coisas sobrenaturais”. Para Teresa, o termo *sobrenatural* indica algo que a pessoa humana não é capaz de adquirir por seu esforço, nem com muita indústria ou engenho<sup>8</sup>. Empreenderá então a ambiciosa tarefa de escrever sobre a relação entre Deus e a pessoa humana, à luz da plenitude de sua experiência, confrontada e refletida<sup>9</sup>.

Em que circunstâncias escreveu Teresa de Jesus este livro tão genuinamente espiritual? Surpreendentemente, sob um contexto tenso e adverso. Primeiramente, sua situação física era desfavorável, baseando-nos em seu epistolário e nas alusões feitas no próprio livro<sup>10</sup>. Do ponto de vista eclesial, a situação não era melhor.

---

<sup>5</sup> ALVAREZ, Tomás. *Sulla dottrina della N.S.M. Teresa nel libro delle Mansioni*. Roma: [Teresianum], 1956. (Note “pro-auditoribus”). Aqui: p. 1.

<sup>6</sup> Pról. 1.

<sup>7</sup> 1M 2,7.

<sup>8</sup> Cf. R 5,3.

<sup>9</sup> Cf. HERRAIZ. *Introducción a “Las Moradas” de Santa Teresa*. Castellón: Centro de Espiritualidad Santa Teresa, 1981, p. 29.

<sup>10</sup> Cf. Pról.1; 1M 1,1; 4M 2,1.

Teresa era observada pela Inquisição, praticamente proibida de sair de casa e de continuar sua obra reformadora<sup>11</sup>. O Núncio pronunciara-se contra a reforma e tentava contê-la perseguindo, encarcerando e desterrando os seus adeptos mais ativos. São João da Cruz é preso e Frei Jerónimo Gracián, amigo pessoal e provincial de Santa Teresa, é excomungado. Em seguida são excomungadas as freiras que se manifestam a favor de Teresa. Para o Núncio, ela não passava de uma “mulher inquieta e andarilha”<sup>12</sup>.

É neste contexto que Teresa busca o essencial da vida cristã, fundamentada em sua experiência pessoal refletida: a relação interpessoal transformadora entre Deus e a pessoa, conduzida pela oração, que leva a um cristianismo operante. Qual a imagem de Deus que está por trás de sua experiência? Qual a noção de ser humano? Qual a sentido da vida cristã? As respostas a estas indagações certamente responderão a uma espiritualidade para tempos difíceis.

### ***1.2. O Castelo Interior como modelo de antropologia indutiva***

Apesar da obra *Castelo Interior ou Moradas* poder ser lida e estudada sob diferentes perspectivas, os seus elementos centrais – Deus, a alma (denominação que usaremos também no artigo, indica a pessoa humana em sua dimensão de interioridade) e a relação entre ambos – fazem de *Castelo Interior* um “modelo indutivo de antropologia teológica”<sup>13</sup>. O livro parte da própria experiência de Teresa e se funde com sua doutrina, formando um tratado da vida espiritual. A perspectiva teológica do livro “está influenciada tanto pelo protagonismo de Deus como pela resposta da pessoa humana que, pouco a pouco, vai acolhendo as exigências do diálogo de salvação”<sup>14</sup>.

### ***1.3. Uma comparação para dar a entender o dinamismo da vida espiritual***

Teresa costuma utilizar símbolos nos momentos em que a explicação de algum ponto doutrinário se torna difícil. No início de *Castelo Inte-*

---

<sup>11</sup> Cf. F 27,19.

<sup>12</sup> Cf. RODRÍGUEZ, José Vicente. “Castillo Interior o Las Moradas”. In: BARRIENTOS, Alberto (dir.). *Introducción a la lectura de Santa Teresa*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978, p. 311-371, aqui p. 314.

<sup>13</sup> CASTELLANO CERVERA, Jesús. *Introducción al estudio y lectura del “Castelo Interior” de Santa Teresa de Jesús*. Roma: Teresianum, 1992. (Fotocop.). Cf. também, do mesmo autor e na mesma perspectiva, *Guiones de doctrina teresiana*. Castellón: Centro de Espiritualidad Santa Teresa, 1981, aqui: p. 117-131 e “Presencia de S. Teresa en la espiritualidad actual”. *Teresianum* 33 (1982) 181-232, aqui: p. 212.

<sup>14</sup> CASTELLANO. *Introducción al estudio...*, p. 3-4.

rior, surge a comparação do castelo com muitas moradas para “conseguir explicar algo do assunto”<sup>15</sup>.

Ao longo da narrativa, a comparação do castelo assume dimensões maiores, tornando-se uma alegoria que vai tecendo o andamento doutrinal de toda a obra, embora com maior ou menor constância. A alegoria vai estruturar tanto a forma do livro quanto o conteúdo da vida espiritual. No nível da forma, aparece desde o princípio até o Epílogo; no nível do conteúdo, parte da periferia para chegar ao profundo da pessoa humana. A própria autora, revelando esta fusão entre forma e conteúdo, ao abrir as moradas primeiras, escreve no seu título: “há nelas dois capítulos”.

A alegoria consegue esclarecer tanto elementos antropológicos quanto teológicos: a ação de Deus na pessoa humana; os atores, Deus e a pessoa; e o dinamismo da relação entre eles.

#### ***1.4. Gênese da noção da alma-castelo onde mora Deus***

A concepção da alma como castelo onde Deus habita possui sua gênese dentro da história espiritual e literária de Teresa. Vários fatores a influenciam.

O primeiro é de origem teológico-pessoal. A experiência da presença de Deus em si mesma ou da inabituação trinitária, pela qual testemunha como Deus está unido à pessoa humana. Esta experiência se une à reflexão teológico-pessoal da nossa autora que não se contentava com meias explicações e buscava “a verdade”. Desta forma a experiência une-se a um estado permanente, lento e processual de reflexão, discernimento e elaboração doutrinal e literária.<sup>16</sup>

O segundo fator é de origem místico-sobrenatural. São as experiências místicas ou inspirações que lhe fornecem elementos que fundamentarão a alegoria do castelo. Estas inspirações virão sempre unidas à doutrina, em unidade de forma e conteúdo. Os livros anteriores, *Vida e Caminho de Perfeição*, atestam as percepções de base que desembocarão na alegoria do castelo.

O terceiro fator é de origem literária, composta por um complexo panorama de explicações, que buscaremos sintetizar.

---

<sup>15</sup> 4 M 3, 2. Cf. também o símbolo do bicho-da-seda em 5 M 2, 1, do matrimônio em 5 M 4, 2 e as constantes referências à água, para ressaltar as simbologias mais importantes do livro.

<sup>16</sup> É Tomás Alvarez quem mostra que as idéias básicas do livro *Castelo Interior* se formam a partir da confluência de correntes, uma de índole teológico-pessoal, outra de índole místico-sobrenatural, e outra literária. Cf. ALVAREZ. *Sulla dottrina...* As conclusões desse autor foram assumidas depois por outros autores: Cf. HERRAIZ. *Introducción...*, p. 24-26; CASTELLANO. *Introducción al estudio...*, p. 10-13 e RODRIGUEZ, José Vicente. “Castelo Interior o Las Moradas”. In: BARRIENTOS, Alberto (dir.). *Introducción a la lectura de Santa Teresa*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978, p. 311-371, aqui p. 323.

A seguir serão desenvolvidos estas três correntes fundamentais na gênese da noção de pessoa como castelo interior.

### *Origem teológico-pessoal da noção da alma-castelo*

Como foi dito, a primeira corrente que desemboca na noção da alma-castelo é a reflexão teológico-pessoal de Santa Teresa a partir de sua experiência da presença de Deus na alma<sup>17</sup>.

A “descoberta” de Deus em sua interioridade é, no princípio, efeito de uma graça mística<sup>18</sup>. Algumas vezes em oração, colocando-se ao lado de Cristo, outras vezes lendo, vinha-lhe um “sentimento da presença de Deus”<sup>19</sup>, muito clara e real, de tal maneira que ela não podia duvidar. Teresa não tinha consciência desta presença de Deus. Em seu livro *Caminho de Perfeição* afirma que “não entendia quem estava dentro da alma”<sup>20</sup>.

Com estes acontecimentos, passa a uma incansável procura da explicação teológica desta experiência junto aos “letrados”. Busca muitas vezes solitária e em conflito com as explicações dos semi-teólogos que a deixam confusa e insatisfeita<sup>21</sup>. Desta forma, a verdade descoberta supôs um longo e lento processo de elaboração pessoal, que passa por confrontos teológicos e chega, finalmente, a uma elaboração teológica final. No nível da experiência pessoal a presença de Deus vai se revelando como presença trinitária, a partir de um processo gradual. Dois anos antes de escrever *Moradas*, Teresa afirma que não podia duvidar da presença da Trindade na alma “por presença, por potência e por essência”<sup>22</sup>.

### *Origem místico-sobrenatural da noção da alma-castelo*

A origem místico-sobrenatural da noção da alma-castelo consiste nas experiências cristológicas, descritas sempre de forma aproximativa em termos de “visões”<sup>23</sup>. Em *Vida* encontramos a visão cristológica chave, que trará os elementos da presença de Cristo no centro da alma. Este centro, como espelho, reflete a imagem da sagrada Humanidade, ao mesmo tempo

---

<sup>17</sup> Cf. ALVAREZ. *Sulla dottrina...*, p. 23.

<sup>18</sup> Para maior desenvolvimento do tema da experiência teresiana da presença de Deus Trindade na interioridade humana remeto ao meu artigo: “Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus”. *Perspectiva Teológica* 35 (2003) 155-186.

<sup>19</sup> V 10,1.

<sup>20</sup> C 28,11.

<sup>21</sup> Cf. V 18,15 e R 6,9; 5M 1,10, principalmente.

<sup>22</sup> R 54.

<sup>23</sup> Como a autora nos explica, a visão não se realiza pelo sentido da visão, pois trata-se de um modo de representação (cf. R4,2). É uma forma de conhecimento inefável.

em que percebe que a alma mesma, por comunicação de amor, imprime-se em Cristo, de maneira passiva:

“Estando uma vez nas Horas com todas as irmãs, a minha alma se recolheu de imediato e deu-me a impressão de ser um claro espelho. Não havia parte posterior, nem lados, nem alto, nem baixo que não fosse claridade; e, no centro, foi-me apresentado Cristo Nosso Senhor da maneira como costume vê-lo. Eu parecia vê-lo em todas as partes da minha alma claro como um espelho; e esse espelho, não sei como, também era feito todo do próprio Senhor, através de uma comunicação muito amorosa que não sei descrever”<sup>24</sup>.

Em *Caminho*, encontramos uma elaboração doutrinal intermediária entre a graça cristológica de *Vida* e a das *Moradas*. Esta elaboração é quase um esboço do futuro livro:

“Façamos de conta que há dentro de nós um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e de pedras preciosas, enfim, algo digno de tão grande Senhor; imaginemos que depende de nós a magnificência desse palácio, o que é verdade, pois não existe palácio tão formoso quanto uma alma limpa e plena de virtudes. Quanto maiores forem elas, tanto mais resplandecerão as pedras. Imaginemos que nesse palácio está o grande Rei que desejou ser nosso Pai, e que ele está num trono de enorme valor, o nosso coração”.

“No início, isso vai parecer impertinente – digo, criar essa ficção para dar a entender o que penso –, mas pode ser que muito beneficie, principalmente a vós; porque, como nós mulheres não temos instrução, tudo isso é preciso para que compreendamos com verdade que há outra mais preciosa e sem comparação dentro de nós do que o que vemos aqui fora. Não nos imaginemos ocas por dentro.

“E queira Deus que sejam apenas as mulheres quem assim se descuidam; porque considero impossível que, se tivéssemos o cuidado de perceber que temos tal hóspede dentro de nós, não nos entregássemos tanto às coisas do mundo, já que, nesse caso, veríamos quão inferiores são diante das que possuímos no íntimo (...)

“Talvez riais de mim, dizendo que isso está muito claro, e tereis razão, mas para mim foi obscuro por algum tempo. Eu bem entendia que tinha alma, mas não o que essa alma merecia nem quem estava dentro dela,

---

<sup>24</sup> V 40,5.

pois eu mesma tapava os olhos com as vaidades da vida para não vê-lo. Tenho a impressão de que, se então entendesse que nesse palaciazinho da minha alma cabe Rei tão grande, eu não o teria deixado tantas vezes só; de vez em quando estaria com ele e teria me empenhado mais em não ser tão imperfeita (...)

“Quando a alma começa, o Senhor, para que ela não fique alvoroçada vendo-se tão pequena para conter em si tanta grandeza, (...) vai dilatando-a pouco a pouco nos termos que compreende ser necessário para conter o quer pôr nela. Por isso digo que Ele traz consigo a liberdade, já que tem o poder de tornar grande esse palácio. (...) Ora, se enchemos o palácio de gente baixa e de bagatelas, como poderão o Senhor e a sua corte caber nele? Ele já faz muito em se deixar ficar um pouco entre tanta confusão”<sup>25</sup>.

A estas experiências, seguem-se as experiências trinitárias, atestadas no opúsculo das *Relações*. Em todas, vai se perfilando e clarificando a presença de Deus na pessoa, as imagens da alma em graça e da alma em pecado. Uma destas experiências nos chama a atenção, a visão da alma em graça:

“...o Senhor me mostrou, por um estranho modo de visão intelectual, o estado da alma em graça; em Sua companhia vi a Santíssima Trindade em visão intelectual, vindo dela, até a alma, um poder que se assenhoreava de toda a terra. Fizeram-se ouvir as palavras dos Cânticos que dizem: *Veniat dilectus meus in hortum suum et comedat*”<sup>26</sup>.

Nesta experiência vemos o poder da Trindade na alma e a alusão ao jardim. Elementos que nos levam à imagem da alma onde mora o Rei que é senhor, que concede senhorio e que está na interioridade humana como num jardim. Há uma associação do jardim do *Cântico dos Cânticos* ao paraíso do *Gênesis*, símbolo também presente em *Castelo Interior*. Este símbolo se explicitará quando, na mesma visão, a alma aparece em pecado, e aí há a perda do poder. A pessoa se vê atada e com os olhos cobertos.

Esta série de testemunhos de Teresa mostra a importância da experiência místico-sobrenatural na elaboração de *Castelo Interior*, também, enquanto imagens e alegorias capazes de transmitir a experiência. Vemos igualmente que há uma evolução literária pessoal ao longo da existência de Teresa. Como

---

<sup>25</sup> C 28,9-12.

<sup>26</sup> R 24.



no caso da Bíblia, podemos dizer que Deus se utiliza dos dons humanos e da maneira humana de escrever.<sup>27</sup>

### *A noção da alma-castelo do ponto de vista literário – relevância e origem*

Limitar as origens da noção da alma-castelo aos elementos teológico-espirituais seria desprezar a importante corrente literária que também a alimenta. Do ponto de vista literário, a alegoria do castelo interior é a de maior envergadura na obra de Santa Teresa e logra articular o livro-resumo da trilogia mística teresiana composto pelo livro da *Vida, Caminho de Perfeição e Castelo Interior*.

O castelo, como alegoria, possui uma conformação eclética, quer dizer, é fruto original de várias tradições presentes na Espanha do século XVI. Esta conformação revela a grande capacidade de síntese de Teresa escritora. Por isso, em *Castelo Interior* concentra-se uma enorme potencialidade semântica: literária – profana e sacra –, espiritual, pedagógica e mística<sup>28</sup>.

### *Literariedade a serviço da comunicação*

Tal alegoria é geradora, segundo os especialistas, de riquíssima literariedade. Uma análise gramatical desta alegoria revela como Teresa de Jesus, de fato, faz da linguagem uma servidora da comunicação de suas idéias. Em função desta comunicação, os núcleos imaginativos vão se metamorfoseando nas mãos da escritora, que os transmuta e flexibiliza. A alegoria do castelo gera uma verdadeira rede de relações e interdependências que podem ser estabelecidas em todos os níveis da estrutura da obra<sup>29</sup>.

Como exemplos destas metamorfoses, acima mencionadas, estão a transformação da imagem do castelo em uma árvore que cresce nas águas vivas da vida, ou a borboletinha das quintas moradas que se transforma em pomba<sup>30</sup>. Um símbolo teresiano desenvolve um novo imaginário e este imaginário

---

<sup>27</sup> Até o século XVIII pensou-se que a origem da alegoria do castelo fosse uma inspiração mística única, imediatamente anterior à redação do livro e de alguma forma independente do pensamento ou habilidades literárias da autora. Esta opinião foi difundida pelo testemunho do Frei Diego de Yepes, amigo, confessor e um dos primeiros biógrafos de Teresa de Jesus. Hoje podemos interpretar que uma série de experiências possibilitaram a Teresa aprofundar gradativamente no conhecimento místico do mistério trinitário e na maneira de expressá-lo literariamente. Cf. ALVAREZ. *Sulla dottrina...*, p. 5-6 e 8-9.

<sup>28</sup> Cf. GARCIA DE LA CONCHA, Víctor. *El arte literario de Santa Teresa*. Barcelona: Ariel, 1978, p. 81-85.

<sup>29</sup> Cf. *idem*, p. 264-274.

<sup>30</sup> Cf. 1M 2,5 e 5M 3,1.

prolifera-se em inúmeras outras metáforas: esta complexidade encanta o leitor e o leva a um mundo imaginativo que, ao mesmo tempo, clareia os mistérios das experiências humanas e apresenta o caminho de santidade<sup>31</sup>.

### *Origens literárias da alegoria*

Quanto às origens da alegoria do castelo, as pesquisas realizadas são muitas, constituindo hoje um dos temas teresianos mais estudados. São muitas as propostas de explicação dos antecedentes da alegoria teresiana, em sua maior parte diversas e díspares. Para uma panorâmica das explicações, elencamos várias dessas propostas<sup>32</sup>:

a) a origem místico-experiencial;

b) a origem livresca de raiz religiosa: Bíblia, escritores espirituais franciscanos –Francisco de Osunã, com o seu *Tercer Abecedario* e Bernardino de Laredo com *Subida del Monte Sión*– e a mística islâmica. Essa última proposta, *origem na mística islâmica*, tem sido fonte de estudos de islamistas como Asín Palacios, recentemente retomada e aperfeiçoada por Luce López Baralt. Luce demonstra como na literatura islâmica, de ampla influência na Espanha medieval, há um texto que compara o interior de todo filho de Adão a “sete castelos” e outro que descreve o esquema simbólico de sete castelos concêntricos no coração dos que crêem<sup>33</sup>;

c) a origem livresca de origem profana, que considera as leituras de livros de cavalaria durante a infância e juventude da Santa;

d) a influência oral, da qual constam os sermões, prédicas, diálogos com confessores e teólogos, apreendidos não apenas em seu conteúdo como também em sua arte de narrar, seguindo um procedimento metodológico que ajude o leitor na memorização do conteúdo (*ars memorativa*);

e) a origem mítico-arquetípica segundo a qual o símbolo do castelo, em sua consideração como espaço fechado, região pura e isolada do exterior que é a região desconhecida e povoada pelos maus espíritos, está intimamente relacionado com a imagem do mundo presente em outras religiões nas sociedades arcaicas;

f) inspiração em monumentos e construções reais, como por exemplo a cidade de Ávila com suas muralhas, segundo a hipótese levantada por Miguel de Unamuno em 1899.

<sup>31</sup> Cf. LÓPEZ-BARALT, Luce. “Santa Teresa de Jesús y el Islam: Los símbolos de los siete castillos concéntricos”. *Teresianum* 33 (1982) 629-678, aqui: p. 644-645. Essa autora traz observações e opiniões de autores clássicos da literatura mística espanhola: Etchegoyen e Hatzfeld.

<sup>32</sup> Cf. o artigo de Juan Miguel PRIETO HERNÁNDEZ, “Los orígenes de la alegoría del castillo teresiano” *Teresianum* 42 (1991) 585-608, em que o autor busca sintetizar as principais pesquisas realizadas sobre os precedentes da alegoria do castelo, com ampla bibliografia.

<sup>33</sup> Cf. LÓPEZ-BARALT. *o.c.*

A complexidade e variedade das distintas influências nas origens da alegoria do castelo (ainda que, de algumas delas, seja possível perceber uma influência apenas longínqua) obrigam a “destacar o poder de síntese criadora da pluma teresiana que, podendo servir-se de fontes tão diversas, não se ata a nenhuma delas”<sup>34</sup>. E também que “é preciso ressaltar em Santa Teresa sua interpretação pessoal das variadas influências que encontramos na construção de sua alegoria”<sup>35</sup>. As fontes documentadas exercem influência apenas em detalhes pontuais e em “alguns elementos da ambientação geral do conjunto”<sup>36</sup>. Em suma, Teresa de Jesus incorpora e trabalha criativamente elementos da tradição mística, literária e prática.

### *E o número “sete”?*

Em relação ao número “sete”, colocamos algumas possibilidades. Viria a divisão setenária da influência da literatura mística islâmica, que se espalhou pela Espanha na Idade Média, e na qual encontramos a imagem dos sete castelos criados por Deus no coração dos homens? Ou seria a geometrização da alma o reflexo de uma corrente geral vinda desde a Antigüidade, chegando ao renascimento europeu e recolhida, de alguma forma, pelos autores espirituais espanhóis? Seria uma mágica presença que contribuiria para potencializar a universalidade da imagem do castelo, segundo a teoria da configuração do castelo como símbolo mítico-arquetípico? Seria um reflexo da tradição judeu-cristã segundo a qual o setenário é revestido de caráter sagrado, muito difundido nos tratados espirituais da Idade Média?<sup>37</sup>

Sob o ponto de vista doutrinal, a divisão setenária revela-se de importância relativa<sup>38</sup>. Possivelmente tal divisão não fora previamente estruturada, pois não consta desde o início da obra que o castelo seja dividido em sete moradas, ou que o livro seguirá esta divisão formal. A divisão em sete moradas vai surgindo em função da comunicação pretendida pela autora. Especialmente nas três últimas moradas, a autora não encontra uma divisão profunda entre elas e o limite entre uma e outra é bastante tênue. Estando, por exemplo, na quinta morada, escreve: “o que há nesta morada e o que vem depois é o mesmo”<sup>39</sup>.

A destreza literária de Teresa nos mostra como ela foi capaz de comunicar sua fé com grande sucesso. *Castelo Interior* é exemplo da importância do

<sup>34</sup> PRIETO HERNÁNDEZ. *o. c.*, p. 607.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 593-595; 604-605 e GARCIA DE LA CONCHA. *o. c.*, p. 82.

<sup>38</sup> Cf. ALVAREZ. *Sulla dottrina...*, p. 55.

<sup>39</sup> SM 2,7.

saber dizer e ensinar. Esta vereda poderia abrir-nos caminhos interessantes de fronteira com a teologia, com a pedagogia, a comunicação e a estética.

## **2. A pessoa humana como um castelo de muitas moradas onde mora Deus: a alma-castelo**

### ***2.1. A alegoria de base***

O castelo-alma é apresentado no início do primeiro capítulo. A princípio, assemelha-se a uma jóia:

“...considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante ou de cristal muito claro onde há muitos aposentos, tal como no céu há muitas moradas”<sup>40</sup>.

Neste castelo, Deus se alegra:

“...não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias. Pois não achais que assim será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão pleno de todos os bens se deleita?”<sup>41</sup>

Este castelo recebe seu esplendor e beleza do Sol, que está no centro da alma, e que nunca se afasta dela: “...aquele sol resplandecente que está no centro da alma não perde seu esplendor e formosura. Ele continua sempre dentro dela, e nada pode tirar-lhe o brilho”<sup>42</sup>.

Esta primeira descrição do símbolo traz consigo a conotação da alma como morada de Deus, num jogo de luz e trevas. À medida que se aproxima do centro, o castelo vai se tornando mais luminoso.

Em seguida, aparecem elementos que fazem o castelo assemelhar-se a um castelo guerreiro, onde vai ser travada uma luta de feridas e mortes. A arquitetura do castelo é simples e imprecisa: alguns quartos, aposentos ou moradas; uma muralha que o cerca, e uma porta. Insiste-se que o número de salas é grande e variado: “Há nele muitas moradas”<sup>43</sup> e “não se imagine serem poucos os aposentos, mas milhares”<sup>44</sup>, “umas no alto, outras embaixo, outras dos lados”<sup>45</sup>.

---

<sup>40</sup> 1M 1,1.

<sup>41</sup> 1M 1,1.

<sup>42</sup> 1M 2,3.

<sup>43</sup> 1M 1,3; cf. 1M 2,8.

<sup>44</sup> 1M 2,12.

<sup>45</sup> 1M 1,3.

Desde o princípio, a Santa divide o interior do castelo em setores, que serão os sete grandes grupos de mansões, chamadas primeiras, segundas, terceiras... no plural, mas que, às vezes, são referidas no singular, como se fossem na realidade uma só mansão ou sala.<sup>46</sup> No centro e interior do castelo, encontra-se o quarto principal: "...e no centro, no meio de todas, está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma"<sup>47</sup>.

Há também uma comparação com o palmito, que confere uma estrutura circular-concêntrica ao símbolo. As moradas não são enfileiradas, umas depois das outras: "...deveis (...) pôr os olhos no centro, que é o aposento ou palácio onde está o rei, e considerá-lo como um palmito, que tem muitas coberturas que cercam tudo o que é saboroso, aquilo que se destina a comer"<sup>48</sup>.

A ênfase é dada aos habitantes do castelo: do lado de fora, feras e se-vandijas<sup>49</sup>; do lado de dentro, Deus e a alma.

O símbolo do castelo é simplificado ao máximo. Nele não encontramos fantasias nem ornamentos. A rapidez e simplicidade do símbolo contrastam com a insistência com que fala da alma e sua "grande capacidade"<sup>50</sup>, feita à imagem e semelhança de Deus. Disso resulta a multiplicidade de aposentos que o castelo contém, os quais são concebidos com amplidão e devem ser percorridos com liberdade de movimentos, sempre em direção ao centro, onde se encontra o aposento principal:

"Isso tem grande importância para qualquer alma que tenha oração, pouca ou muita: que ela não se tolha nem se restrinja. Que ande por essas moradas, em cima, embaixo, dos lados (...)

"Porque as coisas da alma sempre devem ser consideradas com plenitude, amplidão e grandeza, sem receio de exagerar. Sua capacidade suplanta tudo o que podemos considerar, e a todas as partes dela se comunica esse sol que está no palácio"<sup>51</sup>.

No Epílogo, volta a enfatizar esta idéia de capacidade e inesgotabilidade da alma, dadas pelo mesmo motivo: ser criada à imagem e semelhança de Deus. O recurso à forma de inclusão revela esta ênfase no que o castelo tem de essencial, que não são seus enfeites e ornamentos, mas sua grandeza:

<sup>46</sup> Cf. 1M 2,11; 2,8; 2M 4,6; 3M 1,5; 5M 1,5.12; 3,4; 4,1.

<sup>47</sup> 1M 1,3; cf. 1M 2,8.

<sup>48</sup> 1M 2,8.

<sup>49</sup> No original: "sabandijas y bestias", 1M 1,6.

<sup>50</sup> 1M 1,1.

<sup>51</sup> 1M, 2,8.

“Embora não se trate senão de sete moradas, cada uma delas comporta muitas outras: por baixo, por cima, dos lados, com lindos jardins, fontes e coisas tão deleitosas que desejareis desfazer-vos em louvores ao grande Deus, que criou esse castelo à sua imagem e semelhança”<sup>52</sup>.

É necessário que a pessoa caminhe com humildade por todas as moradas, pois a humildade trabalha como a abelha: “a abelha não deixa de sair e voar para trazer flores. Do mesmo modo, a alma voltada para o próprio conhecimento deve voar algumas vezes, a fim de considerar a grandeza e a majestade do seu Deus”<sup>53</sup>.

A humildade impede tanto que a pessoa se acovarde ou acomode nas primeiras moradas, quanto se instale pretensa e orgulhosamente nas últimas moradas.

## ***2.2. Elementos da alegoria***

Destacaremos da alegoria os elementos principais, os secundários e os dinâmicos.<sup>54</sup>

O castelo é a alma, ou seja, a pessoa humana em sua constitutiva dimensão de interioridade. No centro está o sol, o rei, que é Deus. Deus tem o seu palácio, sua câmara, que corresponde ao centro ou fundo da alma. No interior do castelo há moradas, aposentos e salas, que significam os diversos setores da alma, diversos estados de perfeição ou diversos graus de oração. No exterior está a porta de entrada, que é a oração e a consideração<sup>55</sup>. A muralha é o corpo, às vezes o mundo<sup>56</sup>.

Na “ronda” do castelo, ou seja, nas vizinhanças e moradas mais externas, estão os guardas, que são as faculdades ou potências da alma prontas para lutar,<sup>57</sup> também vistas como alcaides, mordomos, mestres-salas, “nossos grandes e verdadeiros amigos e parentes”<sup>58</sup>. Há também outros habitantes que vivem nos aposentos: os sentidos e a imaginação<sup>59</sup>. Potências e sentidos são também descritos como vassallos e criados da alma<sup>60</sup>.

---

<sup>52</sup> Epil. 3.

<sup>53</sup> 1M 2,8.

<sup>54</sup> Cf. ALVAREZ. *Sulla dottrina...*, p. 39-41.

<sup>55</sup> Cf. 1M 1,7; 5 M 1, 2.

<sup>56</sup> Cf. 1M 1,2.

<sup>57</sup> Cf. 1M 1,5; 2,15.

<sup>58</sup> 2M 9. Cf. 1M 2,4.12.

<sup>59</sup> Cf. 1M 2,4; 6 M 2,3.

<sup>60</sup> Cf. 1M 2,12.

Fora do castelo, à sua porta, estão os inimigos<sup>61</sup>. O demônio, as legiões e todo o inferno entram nas primeiras moradas, no próprio movimento de entrada dentro de si, pela oração e reflexão. São representados especialmente por répteis peçonhentos, sevandijas, cobras e víboras, que mordem uma vez ou outra, e às vezes por bestas e feras. Tais animais, venenosos e buliçosos, são associados às dificuldades em caminhar em direção ao centro. O caminho não é trilhado linear e docemente, mas é marcado por realidades ambíguas que exigem conversão, luta e morte, como: o apego do coração a mil coisas; a falta de auto-conhecimento ou um auto-conhecimento distorcido e covarde; o fechamento dentro de si mesmo; a falta de humildade; a entrega do principal de si mesmo ao dinheiro, às honras, aos prazeres e aos negócios (“engolfados nos contentamentos, desvanecidos com as honras e pretensões”<sup>62</sup>); a falta de determinação em mudar de vida e avançar; o costume de viver na vaidade; a fé amortecida ou acomodada; securas na oração; a dissipação; os maus pensamentos<sup>63</sup>. Tudo isso constitui, para Teresa, as coisas “do mundo”, que seduzem a uma lastimável exteriorização e estão, tanto do lado de fora, quanto do lado de dentro do castelo, trazidos pela própria pessoa. Há também as “lagartixinhas muito esguias”<sup>64</sup>, que são pequenos pensamentos, que procedem da imaginação, mas sempre importunam as pessoas e atrasam os processos. A proximidade do centro de si reduz as ambigüidades e perigos, mas não os elimina completamente<sup>65</sup>.

O castelo-alma é uma alegoria dinâmica. Ele entra numa ação potencializada por dois elementos. Partindo do centro do castelo, o Sol, que invade tudo com sua luz. Partindo do lado de fora, as trevas querem invadir o castelo com suas feras. À medida que a alma se interioriza ou exterioriza, todo o castelo se torna como Deus ou como as feras. A sedução do amor, do perdão e da beleza divinas, como luz, confere ao castelo uma dinâmica não moralista, pois é mais forte que a determinação pessoal de entrar no castelo e vencer as dificuldades.

Importante é ressaltar que a interiorização nunca se confunde com o fechamento da pessoa em si mesma. Sequer com a negação do mundo corpóreo ou das realidades exteriores. Trata-se, sim, do encontro com a nova pessoa que renasce pelo contraste da luz de Deus tornando-se, assim, mais livre e mais re-feratária à esperança e ao amor aos demais, em direção ao serviço concreto<sup>66</sup>.

Os elementos dinâmicos principais são: Deus; a alma ou a pessoa hu-

---

<sup>61</sup> Cf. 3M 1,1-2.

<sup>62</sup> 1M 2,12.

<sup>63</sup> Cf. 1M 1,8; 1M 2,11.12.14.15; 2M 2.3.5.8.9; 3M 1,8.

<sup>64</sup> 5M 1,5.

<sup>65</sup> Cf. 7M 4,3.

<sup>66</sup> Cf. 7M 4,12.

mana, com suas potências, sentidos e imaginação – vulneráveis à ação dos lagartos, bestas, feras, cobras... mas sobretudo ao chamado de Deus; e o demônio. Este último representa o mistério do mal e está sempre disposto para a guerra. A alma entra em movimento em direção ao centro de si mesma através da oração como relação com Deus através de Cristo. O seu movimento passa por diversas etapas, ou moradas, até a união com Deus. As etapas desse movimento serão as etapas de aproximação dessa união, que corresponde à realização da vocação cristã e humana.

O conjunto desses elementos, estáticos e dinâmicos, irão delineando quem é a pessoa humana, quem é Deus, e qual é o movimento da graça.

### ***2.3. Uma perspectiva teologal otimista da pessoa humana***

A imagem do castelo é estabelecida desde o início do livro: “considerar nossa alma como um castelo todo de diamante”. Na raiz da descrição desse símbolo encontramos uma visão luminosa da pessoa humana. A pessoa humana é enfocada naquilo que tem de grandeza, beleza, dignidade, capacidade e vocação para a alegria e a felicidade<sup>67</sup>. Esta é a perspectiva alcançada nas sétimas moradas, estado em que a autora se encontra ao começar a redigir o livro.

A pessoa humana é uma maravilha de Deus, que traz segredos espantosos, inesgotáveis, que fazem Teresa manter um constante tom de admiração:

“Ó Senhor e Deus meu, quão magníficas são Vossas grandezas! E andamos aqui como pastorzinhos bobos, julgando enxergar de Vós algo que não deve ser mais que nada, já que em nós mesmos há grandes segredos que não entendemos”<sup>68</sup>.

Esta visão otimista da pessoa humana é fruto da visão teologal, adquirida pela experiência progressiva de Deus. Passando por várias etapas místicas, Teresa vive uma profunda transformação em todas as suas dimensões humanas, tanto corpórea quanto espiritual. Deus, protagonista do castelo interior, vai revelando-se a si mesmo, ao mesmo tempo que revela Teresa a si mesma. Desta forma, ela testemunha o mistério de Deus e pode comunicar à Igreja e ao mundo a vocação e identidade de todos os cristãos e o sentido último da existência humana.

Este Deus que se une inseparavelmente à pessoa é, na obra de Teresa de Jesus, o Deus bíblico que se revelou em Jesus Cristo. Na maturidade de

---

<sup>67</sup> Cf. 1M 1

<sup>68</sup> 4M 2,5.



sua experiência, será reconhecido como Trindade, tornando mais radical o seguimento de Cristo.

A apresentação positiva da pessoa não a faz esquecer o realismo da condição humana, marcada pelo pecado<sup>69</sup>. Não é uma noção ingênua. O castelo é símbolo da pessoa humana que tem em seu interior a possibilidade de convicções e opções, de realização mas também de frustração, de decisões e acolhida da gratuidade, de luzes e sombras, de explicáveis e inexplicáveis, de beleza e de realidades miseráveis e feias. Encontramos, entretanto, uma aposta teológica e existencial na experiência da graça sobre o pecado e a alienação de si mesmo, e na experiência do amor, da liberdade e da realização humana por acima de todo “vale de lágrimas”: “com a virtude de Deus, praticaremos melhor a virtude do que muito presas ao nosso barro”<sup>70</sup>.

Esta concepção inclui a dimensão corpórea. Também o corpo deve orientar-se a ser mensageiro e lugar da fé, da esperança e do amor. Há uma nítida percepção das distintas dimensões espiritual e corpórea do ser humano, em relação nem sempre pacífica, ao mesmo tempo em que há a clara percepção da pessoa como unidade fundamental que se dá no movimento dialético e transformador entre corpo, alma e espírito.

Enfim, a alma-castelo é a pessoa que se descobre e se faz em relação a Deus. *A presença de Deus, sol e rei, permanece como dinamismo sempre luminoso e positivo*, oferecendo em sua imanência um presente e um futuro que tornam a alma maior do que ela mesma, transcendendo-a. Esta presença, ao mesmo tempo imanente e transcendente, faz com que a alma seja sempre capaz de “muito mais”<sup>71</sup>.

### **3. A pessoa humana como “imagem e semelhança de Deus” a partir da mística de Santa Teresa**

Encontramos diversos simbolismos bíblicos que compõem a imagem do castelo como alegoria da pessoa humana vista sob a perspectiva da graça. As moradas primeiras apresentam um conjunto de alusões bíblicas. A pessoa humana é um castelo de “muitos aposentos, como no céu há muitas moradas”<sup>72</sup>. Ela é um “paraíso onde Deus se deleita”<sup>73</sup>. É também um “castelo

---

<sup>69</sup> Cf. ALVAREZ, Tomás, CASTELLANO, Jesús. *Teresa de Jesús, enséñanos a orar*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 1981, p. 118.

<sup>70</sup> 1M 2,8.

<sup>71</sup> 1M 2,8.

<sup>72</sup> Cf. Jo 14,2.

<sup>73</sup> Alusão a Pr 8,31. A sabedoria, como narradora, diz que “brincava na superfície da terra, e me alegrava com os homens”.

resplandescente e belo”, uma “pérola oriental”, uma “árvore de vida que está plantada nas mesmas águas vivas da vida, que é Deus”<sup>74</sup>. E também: “a alma está como uma árvore plantada nela [a fonte da vida]”<sup>75</sup>. Nestas passagens ressoam fortemente textos do Evangelho de João, do livro dos Provérbios, dos Salmos e do Apocalipse.

Não desconhecendo a riqueza das inúmeras alusões bíblicas usadas para descrever a alma-castelo, vamos agora privilegiar *um dos conceitos bíblicos fundamentais* que emergem dessa alegoria, a “imagem e semelhança de Deus”<sup>76</sup>. Dizemos “emergem” porque a Santa não parte explicitamente das Escrituras para perfilar seu pensamento. Ela parte de sua experiência religiosa, inseparável de sua experiência bíblica, o que faz com que inúmeros textos bíblicos lhe sejam conaturais, vivos em sua memória, vividos em seu sentido e comunicados de maneira espontânea e criativa.

### **3.1. Uma experiência pessoal de dignidade**

Uma das idéias-mestras de *Castelo Interior* é a percepção da alma como criatura feita à imagem e semelhança de Deus. Nossa autora recorre a Gn 1,26-27, texto chave da antropologia cristã de todos os tempos, especialmente dos Padres da Igreja que exploraram o tema da pessoa “imagem de Deus”<sup>77</sup>. Teresa sequer cita todo o texto literalmente, pois a ela basta o conteúdo encerrado nas palavras: “à sua imagem e semelhança”.

Estas palavras bíblicas possuem, no contexto das *Moradas*, um sentido especial. Têm como fonte uma experiência trinitária de 1575, já aludida neste artigo. Dois anos antes de escrever o livro, Teresa estava em oração quando percebeu, de maneira misteriosa, porém indubitável, que a Trindade habitava o seu interior. Esta Presença causou nela grande espanto, “por ver tanta majestade em coisa tão baixa quanto a minha [de Teresa] alma”. Em seguida, a Santa como que ouviu estas palavras por parte de Deus: “Não és baixa, filha, pois és feita à minha imagem”<sup>78</sup>. Teresa percebeu então a dignidade humana

<sup>74</sup> Expressões presentes em 1M 2,1, que reportam a Ap 21,11.21; 22,1-2 e Sl 1,3 e Jr 17,8.

<sup>75</sup> 1M 2,2.

<sup>76</sup> O estudo se baseia na proposta de CASTELLANO CERVERA. *Introducción al estudio...*, para quem três conceitos bíblicos se destacam em *Moradas*: “imagem de Deus”, “morada de Deus” e “comunhão”. Em um próximo artigo pretendemos trabalhar os demais conceitos.

<sup>77</sup> A pessoa como “imagem de Deus” foi tema trabalhado por vários Padres da Igreja, como São Taciano, São Justino e, principalmente, Santo Irineu. Em Alexandria, contexto mais penetrado da concepção platônica, São Clemente. Mais tarde, já assumindo categorias platônicas, Santo Agostinho. Cf. LADARIA, Luis F. *Antropología Teológica*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1983, p. 98-104.

<sup>78</sup> R 54.

conferida na criação à imagem e semelhança de Deus: ela faz da pessoa humana um espaço da presença de Deus Trindade.

### **3.2. A experiência da alma-castelo como exegese vital de Gn 1, 26-27**

Em *Castelo Interior*, a definição da alma como imagem e semelhança de Deus vem bem no início do livro, como forma de definir a alma diante de um estado tal de capacidade e beleza que se torna inefável:

“Não encontro outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e a sua grande capacidade. De fato, a nossa inteligência – por aguda que seja – mal chega a compreendê-la, assim como não pode chegar a compreender a Deus”<sup>79</sup>

Por não encontrar palavras para comparar a alma, diz o motivo desta grande beleza e capacidade: “pois ele mesmo nos criou à sua imagem e semelhança”<sup>80</sup>.

A menção à expressão bíblica “à imagem de Deus” é retomada ainda duas vezes ao final do livro. Nas moradas sétimas, após reafirmar que as misericórdias e grandezas de Deus são grandes e incontáveis, continua dizendo que, se o soubéssemos, não teríamos por tão pouco almas com as quais tanto se deleita o Senhor. E acrescenta que “cada uma de nós tem uma alma”<sup>81</sup> mas como poucas a estimam como criatura feita à imagem de Deus, não entendemos os grandes segredos que ela contém. No Epílogo, nossa autora volta a retomar o texto, reafirmando as inúmeras moradas que existem em cada uma das sete moradas, isto é, as inúmeras maneiras de Deus comunicar-se com a pessoa. E o faz ressaltando os aspectos de abundância e beleza. Reafirma que as moradas são muitas,

“...por baixo, por cima, dos lados, com lindos jardins, fontes e coisas tão deleitosas que desejareis desfazer-vos em louvores ao grande Deus, que criou esse castelo à sua imagem e semelhança”<sup>82</sup>.

À maneira de inclusão –recurso literário, freqüente na Bíblia, pelo qual o conteúdo de um livro, capítulo ou perícopo é compreendido e resumido em uma frase ou expressão colocada no princípio e repetida ao final– Teresa de

---

<sup>79</sup> 1M 1,1.

<sup>80</sup> 1M 1,1.

<sup>81</sup> 7M 1,1.

<sup>82</sup> Epil. 3.

Jesus sugere que todo o conteúdo do livro é um desentranhamento do sentido da Palavra bíblica. Em outras palavras, uma exegese da expressão “imagem e semelhança de Deus”.

“Nenhum exegeta jamais fez uma exegese mais cabal, nem mais rica desta breve frase da Bíblia. Um significado tão grande e rico jamais poderia ocorrer a alguém que não o tivesse experimentado”<sup>83</sup>.

### 3.3. *Experiência de graça, vida e salvação*

Teresa não explica ao iniciar o livro o significado de sua expressão, ela escreve apenas que “basta dizer”: “basta dizer (...) que é feito à sua imagem para que possamos entender a grande dignidade e formosura da alma”<sup>84</sup>. Inefabilidade, grande beleza e formosura, grande capacidade para receber as graças de Deus, grande dignidade, mistério que extrapola o entendimento, mas que não deve nos espantar – estas são as características da alma que Teresa ressalta neste momento, como consequência da criação à imagem e semelhança de Deus Trindade.

Assim como nunca chegaremos a conhecer totalmente a Deus, da mesma forma, jamais chegaremos a conhecer perfeitamente quem somos. Por isso não há por que nos cansarmos em entender tudo, a alma está acima de todo conceito<sup>85</sup>. Há nela um “*princípio de misteriosidade*”<sup>86</sup>, uma imensidão que escapa aos mapas psicológicos e aos esquemas do conhecimento próprio e alheio. Nossa autora deparou com este mistério original da alma.

Não há por que cansarmo-nos querendo compreender a beleza deste castelo. Basta dizer quem o criou e como<sup>87</sup>. É como se, com estas palavras, quisesse também se poupar de afirmar o que para ela é óbvio. Deus não precisa ser justificado porque sua ação nela, Teresa, ou na pessoa humana tal como se encontra em *Moradas*, por si só, o revela, sem contudo abarcá-lo<sup>88</sup>.

---

<sup>83</sup> LLAMAS, Román. “Santa Teresa y su experiencia de la Sagrada Escritura”. *Teresianum* 33 (1982) 447-513, aqui p. 476.

<sup>84</sup> 1M 1,1.

<sup>85</sup> Cf. MARTIN DE JESUS MARIA. “El concepto del alma humana en las ‘Moradas’ de Santa Teresa”. *Revista de Espiritualidad* 1 (1942) 206-214, aqui p. 210.

<sup>86</sup> ROF CARBALLO, Juan. “La estructura del alma según Santa Teresa”. *Revista de Espiritualidad* 22 (1963) 413-431, aqui p. 426.

<sup>87</sup> Cf. 1M 1,1.

<sup>88</sup> Sobre a experiência de Deus em Teresa como graça, vida e salvação, cf. GONZALEZ DE CARDEDAL. “Realidad y experiencia de Dios en Santa Teresa: Contenidos específicos de esta experiencia teológica”. In: MARTINEZ, T.E. et al. *Actas del Congreso Internacional Teresiano*. v.2. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1983, p. 835-881.

Deus é para ela fonte de graça, ponto de partida e base permanente de sua existência, de sua necessidade de resposta pessoal a Deus, de sua vida de oração, de sua atividade reformadora. *Este agraciamento original* é, para ela, antes de mais nada, fonte de alegria e deleites. É ainda fonte de coragem para realizar grandes coisas. As próprias circunstâncias de vida que circundam a redação de *Castelo Interior* – os problemas já aludidos de saúde e as dificuldades que se levantavam para conter o curso da obra reformadora de Teresa de Jesus – testemunham o fato de que, nem na adversidade, esta consciência do agraciamento inicial enfraquece. Esta mesma consciência provoca uma atitude de louvor, de proclamar e confessar o Deus vivo, sua obra e sua misericórdia. Para a Santa, é importante entender que somos favorecidos por Deus e nos estimarmos enquanto criaturas agraciadas, para termos “ânimo para grandes coisas” e para compreender os grandes segredos de Deus<sup>89</sup>.

Deus é *fonte de vida e realização* da pessoa humana como tal. Para Teresa, viver só é possível a partir de Deus, com ele, e em direção a ele. Isto é, a vocação humana é a vida teologal. Fora dela, estabelece-se uma profunda crise existencial, por ela experimentada e testificada em *Vida*: “... desejava viver, pois bem entendia que não vivia, combatendo, em vez disso, uma sombra da morte, sem que ninguém me desse vida e sem poder consegui-la eu mesma”<sup>90</sup>. E, diante de sua consciência de haver tantas vezes abandonado a Deus, confessa em seguida: “e quem podia dá-la a mim tinha razão para não socorrer-me, pois tantas vezes me chamara a si e outras tantas fora abandonado”<sup>91</sup>. Por isso, o encontro com Deus pacifica, “dilata o coração”, preenche o seu ser e produz “bens indizíveis; nem a própria alma sabe entender o que se passa ali”<sup>92</sup>.

Deus é protagonista de uma *história pessoal de salvação*. O ponto de partida de Santa Teresa não é uma reflexão sobre o ser e sobre a pessoa humana, mas uma história vivida. A narração de uma história de amor entre Deus e a humanidade, como a retratada no *Cântico dos Cânticos*. Teresa aprendeu e testemunhou que Deus é sempre maior. Ele pode “muitíssimo mais”<sup>93</sup>; por isso é possível viver acreditando que nossa capacidade de compreender a Deus está sempre aquém da realidade: “Deus pode muito mais”<sup>94</sup>. Este ultrapassar-nos de Deus não se refere apenas à sua inteligência e sabedoria, mas especialmente ao seu amor: “Quem poderá avaliar suas misericórdias e grandezas? É

---

<sup>89</sup> Cf. V 10,6 e 7M 1,1.

<sup>90</sup> V 8,12.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> 4M 2,6.

<sup>93</sup> 5M 1,7. No original: “mucho más y más”.

<sup>94</sup> 5M 1,8.

impossível fazê-lo”<sup>95</sup>. Teresa de Jesus pensa bem de Deus, alegra-se com sua existência, como exigência e necessidade de quem o conheceu.

Deus é *fonte de autoconhecimento* e de uma experiência vivida em sua dimensão integral de corpo e espírito, que leva Teresa ao conhecimento de si própria, em tensão entre o desejo de saber quem é e a realidade de não poder definir-se definitivamente, tal o reflexo em si mesma da misteriosa e insondável realidade de Deus.

Deus emerge como Alguém *ligado à pessoa humana de maneira entranhável e positiva*, gera alegria, audácia apostólica realização e paz. Enfim, experiência de salvação. Esta ligação se faz trinitariamente, por Cristo, no Espírito, a partir de uma relação personalizante, surpreendente, bela, estimulante e dinâmica. Estas noções nos ajudam a perceber o alcance das palavras de Teresa, que se referem à dignidade da alma: “basta dizer que fomos criados à sua imagem e semelhança”.

### **3.4. Imagem e semelhança de Cristo**

A experiência da “humanidade de Cristo” é decisiva para iluminar o conteúdo da “imagem e semelhança de Deus”. Vejamos como.

Reportar-nos-emos à experiência cristológica de Teresa tal qual se deu, testemunhada em *Vida*. A Santa percebe que a contemplação de Cristo é a porta de entrada para o conhecimento íntimo dos mistérios de Deus. E afirma que leva a imagem de Cristo indelevelmente impressa no seu interior<sup>96</sup>. Esta imagem, enfatiza, não é imagem pintada: “Embora eu diga imagem, entenda-se que não aparece pintada a quem a vê, mas verdadeiramente viva”<sup>97</sup>; “se for imagem, é imagem viva, não um homem morto, mas o Cristo vivo (...) não como estava no sepulcro, mas com a aparência com que saiu dele ao ser resuscitado”<sup>98</sup>. A alma é imagem de Deus porque nela está esculpida a imagem viva – Deus vivo – que fala, atua e nela vive<sup>99</sup>. Em outro texto a Santa testemunha a revelação que teve da alma em graça, na qual se reflete a imagem de Cristo. Tornamos a transcrever esta experiência:

---

<sup>95</sup> 7M 1,1.

<sup>96</sup> Cf. V 37,4; 38,17; 38,18.

<sup>97</sup> 6M 9,4.

<sup>98</sup> V 28,8.

<sup>99</sup> Cf. DOMINGUEZ REBOIRAS, F. “La teología de la gracia en Santa Teresa”. *Compostellenum* 19 (1974) 5-64, aqui p. 7.

“Estando uma vez nas Horas com todas as irmãs, a minha alma se reco-  
lheu de imediato e deu-me a impressão de *ser como um claro espelho*.  
Não havia parte posterior, nem lados, nem alto, nem baixo que não  
fosse claridade; e, *no centro*, foi-me apresentado Cristo Nosso Senhor  
da maneira como costume vê-lo. Eu parecia vê-lo em *todas as partes*  
*da minha alma claro como um espelho; e esse espelho, não sei como,*  
*também era feito todo do próprio Senhor, através de uma comunicação*  
*muito amorosa que não sei descrever*”<sup>100</sup>

### *Refletir, imprimir, esculpir: os verbos da imagem*

A alma é como um espelho onde se representa Cristo. Isto significa que Cristo se reflete em toda a pessoa – corpo, alma e espírito, ou seja, sentidos, potências e centro da alma. O Cristo como Teresa “costuma ver” é Cristo ressuscitado com a coroa de espinhos e chagas, sua sagrada Humanidade<sup>101</sup>. Não há lugar dentro de si em que não se reflita esta imagem, que se inunda a partir do centro para toda a pessoa – toda a alma fica inundada pela imagem de Cristo. Em movimento contrário, mas permanecendo passiva, de maneira que Teresa não sabe dizer como, também a alma se esculpe no Cristo, por uma comunicação de amor<sup>102</sup>. Esta experiência se encontra descrita no último capítulo de *Vida*, como cume da experiência cristológica, amplamente desenvolvida nesse livro.

Em *Castelo Interior*, Teresa retoma as experiências descritas em *Vida*, dizendo que “a imagem gloriosíssima [a sagrada Humanidade de Cristo] fica esculpida na memória de modo tal, que considero impossível a alma apagá-la até que a veja onde sempre a poderá fruir”<sup>103</sup>.

Na obra teresiana muitas vezes serão utilizados os verbos imprimir e esculpir, às vezes também fixar<sup>104</sup>. Todos têm um sentido similar, o de gravar na alma tudo o que se relaciona ao mistério revelado, experimentado. Em sua infância vai se imprimindo nela o “caminho da Verdade” na repetição das palavras “para sempre, sempre, sempre...”<sup>105</sup>.

<sup>100</sup> V 40,5. Itálico nosso.

<sup>101</sup> Cf. V 29,4: “Casi siempre se me representaba el Señor así resucitado (...) que me mostraba las llagas, algunas veces en la cruz y en el Huerto, y con la corona de espinas pocas; y llevando la cruz también algunas veces, mas siempre la carne glorificada.”

<sup>102</sup> Cf. MAS ARRONDO, Antonio. *Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual*. Avila: Institución Gran Duque de Alba, 1993, p. 342-345.

<sup>103</sup> 6M 9,3.

<sup>104</sup> Seguimos aqui a análise semântica de “imprimir” e “esculpir” que nos oferece MAS ARRONDO. *o.c.*, p. 335-337.

<sup>105</sup> V 1,4.

Mais tarde, quando o Índice de Valdés proíbe a leitura de seus livros preferidos, Teresa se dá conta de que o Cristo em pessoa será o seu livro vivo, que deixa impresso o que se há de ler e fazer: “Bendito seja esse livro, que deixa impresso na alma o que se há de ler e fazer, de modo que não se pode esquecer!”<sup>106</sup>. As palavras de Cristo escutadas no seu interior, tudo o que se relacionasse à oração, as atitudes, as virtudes e o amor – tudo se imprime na alma<sup>107</sup>. Em particular, Cristo vai lhe imprimindo o seu amor e o verdadeiro ser espiritual<sup>108</sup>. Trata-se de um conhecimento profundo, impresso nas suas entranhas<sup>109</sup>. Nas *Moradas*, descreve e compara a alma, selada com o selo divino, com o simbolismo da cera, acentuando a passividade e entrega da vontade necessárias para que Deus atue no seu interior<sup>110</sup>. Por fim, as três Pessoas ficam impressas em sua alma de maneira tal que se tornam sua companhia<sup>111</sup>.

O termo “esculpir” pertence ao mesmo universo conceitual de “imprimir”, empregado por nossa autora, com o mesmo significado. A verdade também é esculpida na alma<sup>112</sup>. A diferença estaria em que o termo “esculpir” conota uma corporeidade que não está presente de maneira similar no termo “imprimir”.

### *O necessário resgate da imagem*

Vemos assim que a imagem de Cristo fica impressa na alma de Teresa, de maneira cada vez mais forte e transformadora. Teresa vai se sentindo tão conformada a Ele e de tal maneira reconhece-se nele que, dirigindo-se ao Cristo, nomeia-o Criador – “Criador meu”<sup>113</sup>.

Assim, ser criado à imagem e semelhança de Deus corresponde em Teresa a ser criado à imagem e semelhança de Cristo, divino e humano juntos. O processo das *Moradas* será um processo de “deificação”, isto é, de participação da vida divina, que em Teresa é um processo de “cristificação” à medida que a alma vai se encontrando com o Cristo, presente nela, e por ele vai sendo transformada<sup>114</sup>. É um processo de resgate da imagem de Cristo, o humano perfeito, deturpada pelo pecado e pela infidelidade, o que faz com que as pessoas não consigam ver-se no espelho onde está esculpida a própria imagem:

<sup>106</sup> V 26,5. Cf. V 38,4 e 40,4.

<sup>107</sup> Cf. R 4,2; R 1,18; C 41,4 (imprime-se o temor de Deus); V 20,7 (imprime-se a humildade); C 35,1 (imprime-se o amor no recolhimento).

<sup>108</sup> V 22,14; V 25,11.

<sup>109</sup> C 6,4.

<sup>110</sup> Cf. 5M 2,12.

<sup>111</sup> Cf. R 16,3.

<sup>112</sup> Cf. V 40,3; V 38,16.

<sup>113</sup> CE 4,1.

<sup>114</sup> Cf. SECUNDINO CASTRO. *Cristología teresiana*. Madrid: Ed. de Espiritualidad, 1978, p. 73-143.



“...como nós faltamos em nos dispor e em nos desviar de tudo o que possa obscurecer essa luz, não nos vemos nesse espelho que contemplamos, espelho onde está esculpida a nossa imagem”<sup>115</sup>

É vendo a Cristo, sagrada Humanidade, que a pessoa encontra a si mesma. Ela se vê e encontra no Cristo, divino e humano, transido pelo mistério trinitário. Lembramos que é na visão trinitária que Teresa percebe a dignidade da alma pela criação à imagem de Deus. Encontramos aqui, mais uma vez, o mistério da pessoa ligado ao mistério trinitário através da sagrada Humanidade. Desta maneira, a pessoa se encontra a si mesma dentro do mistério de Cristo – antropologia e cristologia se encontram. Mas não se trata de um encontro com um “eu” fechado, de um “si mesmo” egoísta, mas um “si mesmo” crucificado<sup>116</sup>, aberto à participação no sacrifício e na dor do universo, do qual misteriosamente participam as divinas Pessoas.

## Concluindo

Todo o movimento de *Castelo Interior* será o movimento de recriação da pessoa, das relações interpessoais e da atividade apostólica, a partir da reconstrução da imagem de Deus, revelada em Cristo. Assim, realiza-se a vocação inscrita no coração humano desde o princípio, mas que deve realizar-se histórica e existencialmente. Como foi dito, o *Castelo Interior* é exegese vital de Gn 1,26-27. Em um próximo artigo pretendemos trabalhar outras noções bíblico-teológicas sobre a pessoa humana nas obras de Teresa de Jesus.

Santa Teresa nos apresenta uma antropologia viva, fruto de uma experiência mística refletida e comunicada com sabedoria. Privilegia a realidade da graça, do amor e do perdão de Deus no ser humano, e nesta luz o estimula a restabelecer a dinâmica de encontro em direção ao habitante central do castelo, Cristo, Humanidade santa, revelador de Deus. Caminho que se realiza entre forças opostas que levam à infidelidade (que é ao mesmo tempo infelicidade), mas que não apagam a força de Deus que, como o sol, continua a brilhar e a convocar.

Em sua obra, há uma proclamação da dignidade e capacidade humanas, mas ao mesmo tempo um chamado à transparência, à sinceridade diante de si mesmo e de Cristo e à conversão. A oração e a contemplação levam a uma interiorização de Cristo, que se imprime no mais profundo da experiência humana, em sua memória, em seus pensamentos, em sua imaginação em suas determinações e em suas ações.

---

<sup>115</sup> 7 M 2,8.

<sup>116</sup> Na expressão da análise psicológica de ROF CARBALLO. *o.c.*, p. 426.

Também as comunidades devem seguir em direção ao que importa realmente, o centro de suas vidas, que é Cristo experimentado e, principalmente, vivido. A Igreja servidora e peregrina (LG VII) pode encontrar em *Moradas* a inspiração para entrar continuamente no castelo, em suas fontes místicas. Ela deve atinar quando as coisas não estão bem encaminhadas, para chegar à porta do castelo (cf. 1M 1,8); deve caminhar com humildade por suas moradas, reconhecer os “répteis peçonhentos” e reempreender o caminho. Oxalá a Igreja de Cristo o leve impresso nas suas entranhas e ela se reconheça sacramento de salvação (LG 48) e serva inútil (cf. 3M 1,8).

Ao escrever, Teresa estava impedida de sair e sua reforma era perseguida, na pessoa de seus melhores amigos e colaboradores. Teria tudo para tecer uma visão pessimista da pessoa humana e da própria Igreja. Mas, ao contrário, Teresa mergulha em sua mais cara experiência, a da união inseparável com a Humanidade santa de Cristo, em perspectiva trinitária, para proclamar uma realidade oculta irreprimível, que clama por transparecer e convoca a todos os cristãos. É o dom irreprimível do Reino.

E esta realidade exige coragem e determinação, mas especialmente o acolhimento do dom de Deus que derruba a onipotência humana e faz do poder humano um poder crucificado, a serviço da dor do mundo que clama por ser transfigurada. Deus pode sempre mais, mas seu poder exige sincero desapego das pretensões de possuí-lo e de dominá-lo segundo a nossa vontade.

Nos tempos de desesperança é necessário mergulhar na mística cristã, pois ela, como dissemos na introdução, é como semente germinada pela experiência profética de Deus. Relembra que há uma força espiritual em cada cristão e na Igreja, que não pode adormecer e deve ser posta em movimento. É força transformadora e recriadora, pois procede de Deus por Cristo. Convida à conversão e recria a esperança.

## Resumé

Lês Château de Sainte Thérèse d’Avila, si constitue en une source de spiritualité qui révèle l’amour miséricordieux de Dieu antérieur à l’amour humaine où de tout autre initiative de l’être humain en cette direction.

Cet ouvre, connue aussi avec le nom de “Château intérieur” (1577), ’est une manifestation de la maturité de Thérèse d’Avila puisque, même surveillée par l’inquisition, elle a été toujours réformatrice.

**Lúcia Pedrosa de Pádua**

doutora pela PUC-Rio, professora de teologia e Cultura Religiosa na PUC-Rio coordenadora do Ataendi-Centro de Espiritualidade Teresiana, no Rio de Janeiro